

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE 4 VEZES POR MEZ

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cayabá, 7 de Novembro de 1895

N. 72

A VERDADE

Cayabá, 7 de Novembro de 1895

A Reincarnação

Sendo eterno o espirito humano, o começo de sua existencia se perde no abysmo insondavel do passado, e deve, por isso mesmo, escapar ás nossas investigações.

Ha certas experiencias de que nenhum philosophia saberia dar conta e sensações ás quaes inutilmente se procuraria parallelo.

Crer na immortalidade da alma é crer em sua eternidade, isto é, estar certo de que se tem sempre existido, que se existe e que se existirá nos seculos sem fim.

Tudo o que nasce deve morrer; tudo o que tem começo deve acabar; é a lei.

Se a alma humana tivesse tido um começo, deveria ter um fim, mas sua existencia é admiravelmente figurada por um circulo que jamais começa e jamais acaba.

Aquelle que, enganado por um ensino incompleto ou por opiniões preconcebidas, não acredita senão na immortalidade futura, nega, por essa prova de ignorancia, a realidade de uma metade deste circulo que elle reduz a um crescente.

Falando-vos assim, nós, os invisiveis, os amigos desaparecidos, servimo-nos de sym-

bolos, porque a sciencia das cousas occultas não sendo ensinada senão parcialmente, as leis que a regem não estão ainda formuladas

Até que ellas saim de sua obscuridade presente, seremos obrigados a empregar imagens e figuras symbolicas, afim de exprimir suas relações com a sciencia da vida eterna; sciencia que vos é indispensavel conhecer para alcançar o fim de vosso destino.

Não ha, pois, para alma, nem passado, nem futuro; ella vive em um presente eterno, tendo em todos os tempos existido.

E si vós nos pedis, amigos, uma garantia concernente á eterna perpetuidade da alma, nós vos responderemos:—O que não tem fim, póde, por uma razão logica e natural, não ter tido começo.

Nada se perde, nada se cria, vós os sabeis, amigos; nascer e morrer são transições; não ha, para a alma humana, nem criação, nem destruição.

Tende paciencia e coragem nas provações da vida presente; chegados a uma habitação mais elevada de desenvolvimento, não somente vos recordareis de vossas existencias anteriores, mas ainda as condições particulares que têm dado logar ao vosso adiantamento espirital.

As profundezas da vida do

espirito são obscuras, mas não impenetraveis; e a verdade que paira acima de todas as cousas não é inacessivel.

Não estando ainda muito adiantado n'estas obscuras perspectivas, quem poderia, presentemente, vos desvendar o segredo das existencias passadas?—

Um medium americano.

[Le Progrés Spirite.]

Comunicações recebidas no dia 23 de Outubro de 1895.

Meus caros filhos, Deus vos abençoe.

Sempre estou ao vosso lado para vos ajudar e proteger contra as más influencias. Continuai como até aqui na leitura desse precioso livro [*] do grande patriarcha do Spiritismo,—doutrina santa, que em tão boa hora abraçastes.

Ah! quanto é bello e sublime ver-vos aqui reunidos em nome do Senhor, trabalhando na sua santa seara!

Nunca deixeis o alvião.—fortificai-vos nesse santo serviço, e dai sempre vossos conselhos de moral áquelles que, bem intencionados, vos quizerem ouvir. Prestai assim um grande serviço a Deus, a vós e a elles.

Lovai ao Senhor por sentir que aqui estejais para ouvirdes os bons conselhos; nunca vos afasteis deste cami-

(*) O Evangelho Spirita.

nho, que é o verdadeiro, e um dia vos approximarão do nosso Pai de Misericórdia.

Deus abençoê a todos vós, meus irmãos.

O guia *Francisco de Assis*.

Meu irmão— Lembrai-vos do que vos ensinou o Santissimo Mestre em seus mandamentos.—Elle, se vos disse: « Amareis ao Senhor vosso Deus com todas as forças de vossa alma e ao proximo como a vós mesmos, não foi para que assim fizesseis? »

—O que vemos porem ?

Homens eivados de odios, de rancor e de ciumes degladiarem-se a ponto de tornar impossível se os distinguir entre as fôras, e vós, meus irmãos, que tendes recebido alguma luz, e que acceitastes a missão de ser os interpretes dos vossos amigos e protectores do espaço, o que fazeis que não levei ao conhecimento dos pobres cegos, balbuciantes e dignos de compaixão os nossos ensinamentos? — Porque não empregais os vossos esforços para arredal-os do caminho escabroso que os levará á abyssos insondáveis? Porque não procuraes evitar que isso se dê, —o que vos falta? Por ventura tendes receio de ser maltratados por isso? Não tendes confiança em vossos guias?

Segui, irmão, com coragem no cumprimento de vosso dever; pedi forças ao nosso Pai que Elle vos dará, e assim alcançareis o premio concedido á todos que fazem a sua vontade.

O guia *Antonio de Padua*

Os espiritos communicam

No dia 2 de corrente compareceu

na casa de nossas sessões uma respeitavel senhora, que referio-nos o seguinte facto:

—« Eu estava deitada, era noite, uma força estranha obrigou-me a assentar; notei que alguém assentara-se a meu lado na mesma rêle, tive a intuição de perguntar: é minha mãe, é minha filha ambos já fallecidos e responderam:—não; quem é então? Disseram-me algumas palavras, porém, nesse momento faltara-me a coragem, não pude comprehender o que fallavam.

Não ficando eu sabendo quem fallara comigo venho aqui, hoje, que se commemora á finados aflu de V solicitar a presença desse irmão. »

A respeitabilidade de quem assim nos fallava era guia seguro de verdade, porisso, mui gostosamente procuramos saber do nosso guia Francisco de Assis se podiamos invocar o irmão que havia se comunicado na rua 1 de Março, em casa da irmã F., que estava presente.

O guia deu-nos a seguinte resposta:

—« Esse irmão que se manifestou nessa casa a vossa irmã F. é, como podeis calcular o seu proprio marido. Elle queria fallar-lhe algumas palavras a respeito da vida em que se acha. Ora! por elle, e podeis evocai-o que elle se acha presente. »

Evocade o irmão, escreveu:

—« Grande tem sido o meu soffrimento, sim, meus irmãos, o homem enquanto está sobre a terra não cuida de Deus. Eu soffro as consequências das horribes faltas que commetti. Ah! quanto sinto, ó minha irmã! O trato que ora vos dou é de irmã e não de mulher, porque nestodos somos irmãos.

Eu vos peço não esqueçais de mim com vossas preces para que Deus se compadecça de mim.

Agora, escutai-me, sabeis o que é o mundo dos espiritos?—Não podeis calcular o quanto se soffre aqui pelas faltas ali commettidas.

A caridade, a caridade, minha irmã, é a maior das virtudes; nunca abandonéis aquelles que batem a vossa porta. Os pobres, minha irmã,

os pobres, ouvi bem, amparai-os o quanto puderdes, nunca deixeis de socorrer-os, porque é dessa maneira que nosso Pai de bondade poderá attender vós; não maldigaes do proximo, amai vossos inimigos e perdoai todas as offensas.

Agora vós, meus irmãos Spiritas, um favor, sim, um favor: peço-vos que não esqueçais deste vosso infeliz irmão. »

J. D.

● Spiritismo ante a razão

POR

Valentia Toumier,

PRIMEIRA PARTE

(S FACTOS

I

Continuação do n° 69

Eu não des-jaria expôr-me a fatigar os leitores com legares communs: ha coisas que se tornarem banaes á força do serem verdadeiras, mas que se não podem inteiramente desprezar quando se trata de um assumpto como o meu. Contentar-me-ei, pois, com indicar as de passagem.

Não é verdade que aquelles mesmos que se consideram adversarios da razão, que se acreditam, com a melhor fé do mundo, seus mais irrecconciliaveis inimigos, em uma palavra, os campeões da fé cega, do *credo quia absurdum*, dão se cada dia a si proprios o mais brillante desmentido?—Que são, com effeito, essas demonstrações que da verdade da fé, que proclamam, exforçam-se por nos dar os representantes dos diversos cultos, senão a confissão, implicita pelo menos, da necessidade para uma fé qualquer de se fazer acceitar pela razão, e, por conseguinte, o reconhecimento do direito e do dever para o homem de repellir a que sua razão condemna? E é bem preciso que isto se dê, porque de outro modo o homem deveria ficar toda sua vida encerrado na fé em quo tivesse nascido, como uma ova em seu aprisco. E se nossos pa-

es tivessem agido assim, nenhum de nós teria a inestimável vantagem de ter nascido christão.

Não dir se ia, ao ouvir essas perigosas omegas da fé, que não pode existir entre ella e a razão nenhuma especie de accordo? que ellas são por natureza incompatíveis? E não é o caso de dizer como o nosso grande fabulista: — *melhor quereria um sabio inimigo?*

Perque, se, como o dizem, a razão não pode senão desviar-nos, d'ahi resulta como consequencia forçosa que toda fé accitada pela razão deve immediatamente ser benida como falsa e perigosa.

Ultima contradicção, e a mais notavel de todas! A que faculdade no homem dirigem se os inimigos da razão para condemnal-a, senão a propria razão? — Porque nenhum d'elles — supponho — abalançar-se-ia a desenvolver seus argumentos perante seres desprovidos do razão e, por consequente, incapazes de os comprehender.

E', pois, a esta pobre razão que é sempre preciso recorrer; pede se desprezal-a, mas não se saberia prescindir d'ella.

Entretanto não são taes sentimentos o que ella inspirou aos espiritos verdadeiramente grandes, qualquer que seja a classe da sociedade a que elles tenham pertencido. Eu tenho lido muito pouco; mas enfim li uma admiravel passagem de Fénelon, que cita-se nos tratados de philosophia, e duvido de que algum outro philosopho tenha escripto um elogio mais pomposo e mais verdadeiro da razão humana. O grande arcebispo mostra-nos ali Deus como o sol das intelligencias, e a razão como avista interior, em cujo meio podemos contemplal-o e entrar em communicação directa com elle.

Ha, pois, segundo Fénelon, um sol moral, como ha um sol material; e assim como para gosarmos da luz do sol material faz-se nos precisa necessariamente a vista do corpo, assim tambem para podermos utilizar-nos da luz de sol moral, faz-se

nos não menos necessariamente precisa a vista da alma, a razão.

So, pois, os livros sagrados contém como o creio, luzes capazes de lançar uma grande claridade sobre o phenomeno spirita, não o é senão com a condição de que a razão as saberá descobrir ali, e d'ellas fazer uso; e assim ella subsiste até agora como o unico juiz competente.

Vejamos se ella triumphará egualmente das pretensões exclusivas da sciencia,

(Continua)

Minhas lembranças

Eu tinha dezassete annos, estava cheio de phantasias, de generosas illusões, mas já tinha perdido a fé de minha infancia, aquella que me mostrava um Deus cruel, castigal-o com penas eternas as filias dos homens.

Soffria de não mais pertencer a nenhuma religião e de não poder encontrar em mim mesmo a felicidade de um ideal religioso.

Deparou-se-me então o spiritismo. Foi uma revelação.

Fiz algumas experiencias de typotelegia, tornei-me logo medium escrevente e me entregava á pratica do spiritismo com tanto mais ardor, quanto é certo que meo coração estava ainda virgem de toda outra paixão.

Mas devo contar primeiramente como fui conduzido positivamente ao spiritismo.

* *

Não havia noticia, na cidade de Meio-dia, em que eu então habitava, senão de sessões dadas por um salechheiro de nome Demause, creio.

Objetos mui pesados eram ali, parece, levantados por uma força mysteriosa.

Fui em companhia de meo pai. Entramos em uma vasta peça, onde mais de quarenta pessoas formavam o circulo em redor e á distancia de uma extensa meza, no fim da qual um jovem quasi menino, estava as

sentada, só, tendo uma das mãos levemente apoiada sobre a meza.

Era o medium.

A's perguntas que lho eram feitas o spirito respondia levantando esta meza extremamente pesada e deixando-a recahir sobre dois de seus pés, uma ou muitas vezes, segundo o signal convencionado.

Obtendo por este modo um grande numero de respostas, o chefe do grupo tentou uma nova experiencia:

Eu vou, disse elle, ao spirito com o qual fallava com uma extrema familiaridade, eu vou apertar a mão á cada pessoa presente e tu darás uma forte pancada quando eu toque a mão de um incredulo. Dito e feito. O director da casa aproximou-se de oito ou dez pessoas, e, successivamente, apertou-lhes a mão. A meza permaneceu immovel.

* *

Quando, porém, Demause aproximou-se de meo pai, — no momento preciso do contacto de suas duas mãos, — a meza levantou se vivamente, indireitou se como um cavallo se impina, e dous de seus pés tocando quasi o ferro do tecto, e os outros dois, violentamente agitados, ella vem de um salto até o lugar em que estava meo pai e sahio diante delle com um grande barulho.

Jamais me esquecerei a pallidez que invadio o rosto de meu pai, grande voltairiano, — o que, n'aquella época, significava materialista — porém homem de sentimento, de impressões vivas.

Elle murmurou: — Sim, eu não creio, ou melhor, não acreditava, mas confesso que isto é um facto bem surpreendente e de natureza a modificar minhas convicções.

Podia meu turno que me tocasse a mão, mas, no momento em que isso teve lugar, a meza não fez o menor movimento. Por esse modo ella me reconhecia spirita, e, entretanto, era a primeira vez que eu me occupava de spiritismo.

E' verdade que todas as minhas aspirações convergiam para uma

doutrina de paz e de amor, que des-se a prova da existência da alma.

* *

As experiências que se seguiram foram das mais curiosas.

O chefe do grupo pediu a meu pai para se aproximar da meza, a qual, sob a pressão do espirito, havia retomado seu primeiro logar, e experimentar levantá-la.

Meu pai prestou-se de bom grado a esta experiência ficou muito surpreendido de ver que ella podia levantar, não sómente o lado da pezada meza diante do qual elle se achava, mas também a meza toda inteira, que elevou-se levemente no espaço sob a pressão de um só lado seus dedos. Continuou a levantar a mão a meza foi elevada por elle, com a mesma facilidade, até a altura do seu rosto.

Como explicar este phenomeno? — Elle existia e não podia haver nenhum ardid, pois que era visível aos olhos de todos os assistentes.

Força era, pois, crer nas palavras do director da casa, que, no momento em que meo pai havia collocado sua mão sobre uma das bordas da meza, pe llo ao espirito contribuir para a ascensão della, collocando-se vis-à-vis de meo pai e levantando o outro lado da meza.

* *

Minha curiosidade, vivamente despertada por este phenomeno, levou-me a pedir, por minha propria conta, a repetição do que acabava de se passar.

Fiquei por minha vez extremamente admirado de poder levantar, com um só dedo, até a altura de meo rosto, um objecto inerte, extremamente pesado, que, em todo caso, não deveria perder pé senão de um só lado, d'aquelle sobre o qual eu exercia a pressão.

O chefe do grupo quiz nos dar ainda uma prova mais evidente da presença e da acção dos espiritos desincarnados. Pediu a um destes para fazer peso sobre a meza de modo a impedir que meo pai ou eu pudesse

levantá-la. E desta vez, ó d. brada surpresa! — esta meza, (que nós acabavamos de sustenta-la com tanta facilidade o que nos havia parecido tão leve), tomando de repente um peso enorme, pôde apenas ser removida por nós, apesar de nossos reiterados esforços.

Eis por que facto saliente eu fui levado á convicção de que existem forças psychicas que podem mover a materia.

Eu contarei por que modo, mais maravilhoso ainda, fui ainda conduzido ao estudo do spiritismo moral, este consolador das almas afflictas pelas rudes provas da vida.

(*Le Progrés Spirite*)

A. Laurent d'Esquet.

Martyres da intolerancia religiosa

[1550 — 1600]

JORDANO BRUNO

« Não se sabe bem a data do nascimento de J. Bruno; sabe-se apenas que elle nasceu em Noli, pequena cidade das circumvisinhanças de Napolis, pelo meado do seculo XVI. Nada se conhece sobre os primeiros annos da sua vida e sobre o genero de educação que elle recebeu.

« Depois de haver cultivado muito tempo as lettras, diz-nos elle, eu fui levado á philosophia, ao livre exame, por meus proprios guias, por meus superiores, por meus juizes. Ministros da inveja, servos da ignorancia, escravos da malvadez, elles pretendião sujeitar-me a uma vil e estulta hypocrisia. »

Com um tal espirito de independencia, Jordano Bruno, que era da ordem dos Dominicanos, não podia deixar de contrariar aos seus superiores.

Em todas as cidades onde elle pregava, havia numerosos dissidentes da Igreja. Na idade de 30 annos vé-se obrigado a deixar a Italia; vai primeiramente a Genebra, onde Theodoro de Bèze havia restituido a Calvino as suas funcções, e a tolerancia religiosa. Elle deixa, pois,

a cidade huguenote, vai a Lyon, depois a Tolosa onde elle exalta, seguindo sua propria expressão, o furor *evangelisante*. Chega emfim a Paris, onde demora-se cerca de 2 annos (1582-1583); obtem do reitor da Universidade, em uma nova estada alli em 1586, a autorisação de instituir uma discussão publica sobre os principios de Aristoteles.

Suas ideias adiantadas e suas opiniões ousadas obrigaram-no a deixar Pariz, como teve de abandonar a Italia, Genebra e Tolosa; chega á Inglaterra, não poudo ficar ali muito tempo e vai a Allemanha: finalmente, volta para a Italia depois de dez annos de ausencia, esperando que tivessem esquecido suas ideias e principios liberaes. Não aconteceu assim; os escriptos que elle tinha publicado durante sua vida erratica o fizeram conhecido em seu paiz, a tal ponto que a Inquisição fez prendê-lo em 1592, e depois de haver passado seis annos preso em Veneza, foi enviado a Roma para ser julgado pelo Santo officio. Esteve 2 annos nas prisões da Inquisição e a 9 de Fevereiro de 1600 foi conduzido ao Palacio do Grande Inquisidor. Alli, na presença dos cardaes e conselheiros do Santo-Officio, ouviu sua sentença que concluia entregando-o á justiça temporal para ser punido *com a possível clemencia e sem effusão de sangue.* (*)

Isto significava simplesmente que era condemnado ao supplicio do fogo. Terminada a leitura da sentença, Bruno foi solemnemente excomungado e degradado, sendo oito dias depois queimado vivo no Campo del Fiori, e suas cinzas lançadas ao vento.»

(*Da Revue Spirite de Pariz*)

(*) *Ut qui m dementissimo et ultra sanguinis effusionem puriretur* — tal era a forma consagrada.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA: POR MEZ 1:000 REIS
NUMERO AVULSO 300 REIS.

Typ. de Emilio Cilha.